

“Aconteceu em Saua-Saua”, de Lília Momplé: por “entre-lugares” de opressão e resistência

“It Happened in Saua-Saua”, by Lília Momplé: through “in-between spaces” of oppression and resistance

Tayane Fernandes dos Santos
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
tayanefernandesacademico@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3713-9175>

RESUMO

“Aconteceu em Saua-Saua” (2022), conto da escritora moçambicana Lília Momplé, trata da história de Mussa Racua, um pobre camponês que vive o dilema de (sobre)viver em um contexto de opressão colonial enquanto busca formas de subverter sua realidade. Diante disso, objetivamos no presente artigo, analisar as contradições entre opressão e resistência que a narrativa suscita, tendo como chave-teórica os estudos pós-coloniais, focando principalmente no conceito de “entre-lugar”, discutido pelo crítico indiano Homi Bhabha (1998). A partir da análise, concluímos que o protagonista de “Aconteceu em Saua-Saua” ocupa um espaço de ambiguidade ou “entre-lugar”. Suas manifestações de resistência, embora não consumadas plenamente, revelam as contradições do sistema colonial português em Moçambique.

Palavras-chave: “Aconteceu em Saua-Saua”; “entre-lugar”; estudos pós-coloniais; Lília Momplé.

ABSTRACT

“It Happened in Saua-Saua” (2022), a short story by Mozambican writer Lília Momplé, tells the story of Mussa Racua, a poor peasant who faces the dilemma of living/surviving in a context of colonial oppression while seeking ways to subvert his reality. Based on this brief description, it is intended to analyze in this article the contradictions between oppression and resistance that the narrative raises, using postcolonial studies as a theoretical key, focusing mainly on the concept of “in-between”, discussed by Indian critic Homi Bhabha (1998). The results demonstrate that the protagonist of “It Happened in Saua-Saua” occupies a space of ambiguity or “in-between”. His manifestations of resistance, although not fully consummated, reveal the contradictions of the Portuguese colonial system in Mozambique.

Keywords: “It Happened in Saua-Saua”; “in-between”; “postcolonial studies”; Lília Momplé.

INTRODUÇÃO

Este meu primeiro livro *Ninguém matou Suhura* foi escrito só depois da Independência do meu país e é a realização de um sonho antigo ao mesmo tempo que me permitiu realizar uma verdadeira catarse, livrando-me de uma carga emocional que carreguei durante anos.

(Lília Momplé)

A epígrafe que abre o presente artigo pertence à coletânea de contos *Ninguém Matou Suhura* (2022), da escritora moçambicana Lília Momplé. Como enfatizado pela autora, no trecho citado, sua obra é uma realização tanto pessoal como coletiva, ela coloca-se como pertencente ao contexto opressivo que por prolongado tempo dominou seu país. Foram justamente as experiências de dor perante injustiças e discriminações que a motivaram à escrita literária.

Nesse sentido, a produção literária da autora se articula com um dos papéis cruciais que, como enfatiza Secco (2011), as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa buscam/buscaram desempenhar: o de denúncia e desnudamento de opressões e traumas sofridos por países colonizados. Embora tenha o potencial de possibilitar importantes debates acerca da história colonial e pós-colonial de Moçambique em diálogo e contraste com outros países que também passaram por processos de colonização, a obra de Lília Momplé é ainda carente de estudos no Brasil.

Em sua coletânea, Momplé volta-se, por meio de cinco narrativas, para as opressões, injustiças e contradições do sistema colonial português sobre seu povo. Dentre os contos da obra supracitada, destacamos o intitulado “Aconteceu em Saua-Saua”. Nesta narrativa, que se passa em 1935, com Moçambique sob o controle da colonização perpetrada por Portugal, acompanhamos a história de Mussa Racua, um pobre camponês que se encontra no dilema de entregar 8 sacos de arroz à Administração portuguesa, para que não seja punido e enviado à plantação, onde realizaria trabalhos mais desumanos do que já cotidianamente era forçado em Saua-Saua. Dessa forma, indo de encontro aos discursos hegemônicos, Momplé “narra ficcionalmente eventos de povos colonizados e cria uma estética a partir do excluído” (Bonnici, 2005a, p. 11), trazendo para o centro das discussões as memórias e histórias de resistência dos que ao longo do tempo foram marginalizados pelo cânone.

Como destacado por Lourenço ([1972]) a identidade portuguesa esteve por muito tempo calcada em uma visão romantizada que o próprio país construiu sobre si e seu papel

colonial. Dessa forma, a psique coletiva de Portugal foi moldada pela ideia de salvação de outras nações a partir da exploração. Entretanto, destacamos que autoras como Lília Momplé, têm buscado desafiar essa perspectiva idealizadora de Portugal, enfatizando as contradições e formas de exploração perpetradas por tal país e as consequências da colonização para as nações colonizadas.

A partir do exposto, analisamos neste artigo as nuances contraditórias entre opressão e resistência que o conto em questão suscita, à luz da crítica pós-colonial, destacando principalmente o conceito de “entre-lugar”, discutido por Homi Bhabha em seu livro *O local da cultura* (1998). Os “entre-lugares” são campos intermediários nos quais as culturas e as identidades entram em confronto de maneira complexa e multifacetada. Segundo Bhabha (1998), o “entre-lugar” possibilita novas formas de subversão e transformação aos sujeitos colonizados. Diante disso, por meio de uma abordagem pós-colonial, buscamos refletir sobre como o protagonista de “Aconteceu em Saua-Saua” habita um espaço de ambiguidade, onde as dinâmicas de poder e resistência se entrelaçam, gerando tensões e questionamentos sobre as relações entre colonizado e colonizador.

Antes de passarmos aos próximos tópicos, ressaltamos que, embora ainda poucas, já existem pesquisas sobre o conto¹ que aqui buscamos investigar. Em uma busca em sites e repositórios confiáveis, como o “Google Acadêmico” e o “Portal de Periódicos da Capes”, encontramos pelo menos 5 trabalhos que foquem no conto para análise (dentro de nossos limites de pesquisa, até o presente período). Dentre os quais, destacamos 3 que consideramos importantes para o vislumbre de questões não aprofundadas ou estudadas.

Na dissertação *Estórias que ilustram a História: as narrativas ficcionais de Lília Momplé*, Costa (2016) analisou a ficcionalização da opressão colonial na coletânea de contos *Ninguém Matou Suhura*. Ao voltar-se para a narrativa de “Aconteceu em Saua-Saua”, a autora destaca o trabalho forçado como estratégia de opressão e hierarquização no sistema colonial, enfatizando como o protagonista da narrativa é animalizado e a impotência dele diante das amarras da Administração portuguesa.

No artigo *A banalidade do mal na narrativa de Lília Momplé*, Salgado (2018) buscou analisar os contos de *Ninguém Matou Suhura* (2022) à luz do conceito de banalidade do mal, da filósofa Hannah Arendt. Segundo Salgado (2018), assim como o

¹ Destacamos que, nas buscas realizadas, percebemos que a maioria dos trabalhos analisam a coletânea *Ninguém Matou Suhura* (2022) em sua totalidade e não somente o conto “Aconteceu em Saua-Saua”.

nazismo contribuiu para a criação de mentalidades irracionais e que enxergavam a violência em suas diversas formas como uma prática banal, o sistema colonial português também o fez, o que pode ser visto no conto “Aconteceu em Saua-Saua”.

Por fim, no artigo intitulado “*Aconteceu em Saua-Saua*”: o imigrante nacional na obra de Lília Momplé, Laice (2024) buscou analisar o conto em questão considerando como o suicídio pode ser visto como uma forma de autodefesa no contexto em que o protagonista, Mussa Racua, estava inserido. Para a pesquisadora, o ato de tirar a própria vida simboliza uma busca extrema do personagem por adquirir certa autonomia diante da opressão colonial, configurando-se em uma forma de resistência do sujeito colonizado.

Buscando ampliar as discussões desenvolvidas pelas pesquisas apreciadas acima, ressaltamos que no presente trabalho, pretendemos analisar as contradições entre opressão e resistência em “Aconteceu em Saua-Saua” a partir dos estudos pós-coloniais, focando principalmente no conceito de “entre-lugar”, de Homi Bhabha, aproximação não enfatizada nas pesquisas citadas anteriormente. Para tanto, caracterizamos este artigo como uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e de cunho exploratório, tendo como principais bases teóricas, dentre outras, as contribuições de Hall (2003) e Bhabha (1998) no que se refere à crítica pós-colonial e fazendo um recorte acerca do conceito de “entre-lugar”, e Candido (2000) que enfatiza a necessidade de considerar a relação mútua entre texto e contexto para a investigação de uma obra.

SOBRE O CONCEITO DE PÓS-COLONIAL E “ENTRE-LUGAR”: BREVES CONSIDERAÇÕES

Antes de aprofundarmos a análise de “Aconteceu em Saua-Saua”, da escritora moçambicana Lília Momplé, é fundamental destacar como entendemos o conceito de pós-colonial e como o articulamos ao conceito de “entre-lugar”. Comumente, os estudos “pós-coloniais” são interpretados, devido ao prefixo “pós”, como referindo-se simplesmente a algo que vem após o período colonial. No entanto, como argumenta Stuart Hall (2003) em “Quando foi o pós-colonial? pensando no limite”, conceituar o termo baseando-nos apenas em aspectos cronológicos é uma simplificação que “funda histórias, temporalidades e formações raciais distintas em uma mesma categoria universalizante” (Hall, 2003, p. 102). Ou seja, este olhar simplista invisibiliza experiências particulares de acordo com cada contexto sócio-histórico.

Tal discussão se fortalece ainda mais quando o autor enfatiza a necessidade de superar a distinção reducionista entre a colonização como um sistema de governo e exploração e como um sistema de conhecimento e representação, configuração que ele chama de “poder-saber”. Conforme aponta o teórico, as relações de poder estruturantes do colonialismo não possuem mais os mesmos moldes, e isso nos possibilita não apenas nos opor às separações citadas anteriormente, “mas também criticar, desconstruir e ‘ir além’ delas” (Hall, 2003, p. 119). Dessa forma, o pós-colonial, mais que revisitar o passado, deve questioná-lo com base em problemáticas que já podem ser percebidas na contemporaneidade, desviando-se de um olhar meramente celebratório.

Somando-se às questões levantadas por Hall (2003) destacamos as reflexões do crítico indiano Homi Bhabha (1998), que em seu livro *O Local da Cultura* trata do conceito de “entre-lugar”. Para o pesquisador, os “entre-lugares” possibilitam movimentos de resistência sutis e se caracterizam como espaços não apenas físicos, mas também simbólicos onde práticas culturais e coloniais estabelecem relações de negociação e confronto. Nestes espaços, o colonialismo será ao mesmo tempo revisitado e problematizado. A resistência, portanto, não ocorre em uma esfera totalmente separada da cultura dominante, mas emerge nas “brechas” e tensões entre os mundos colonizado e colonizador.

A concepção de “entre-lugar” é fundamental para entendermos a literatura pós-colonial. Conforme destaca ainda o crítico literário indiano, o “entre-lugar” “inova e interrompe a atuação do presente. O “passado presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver” (Bhabha, 1998, p. 27). Os entre-lugares, portanto, criam um terceiro lugar, implicam o novo e desafiam a noção de tempo e espaço, problematizando também a ideia de que as identidades são fixas e imutáveis.

A “inovação” está justamente no olhar para o que antes era visto como irrelevante, agora como um traço que possibilita problematizar o passado. Dessa forma, podemos perceber que manifestações de resistência não precisam necessariamente ser grandiosas ou explícitas, mas percebidas por meio de pequenas ações cotidianas, nas banalidades da vida social.

Bhabha (1998) sugere tal ideia quando foca no que chama de “estranho”, ao qual está ligado aos detalhes cotidianos “invisíveis”, mas que carregam formas de resistência. Nesse sentido, as experiências mínimas dos sujeitos são o que dão contorno às manifestações culturais opostas à cultura dominante e criam outras possibilidades de enxergar a vida social e a subjetividade.

Entrelaçando-se às colocações de Hall (2003) e Bhabha (1998), dentre outros, complementaremos a análise de “Aconteceu em Saua-Saua”, com as ideias do crítico literário brasileiro Antonio Candido (2000) que enfatiza a importância de considerar a relação intrínseca entre questões externas e questões internas quando buscamos analisar uma obra literária.

Para Candido (2000, p. 4), “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. As colocações do teórico corroboram a ideia de que as produções culturais, sendo a literatura uma delas, não existem isoladas do meio social, econômico, político e histórico, pelo contrário estão inscritas e são moldadas por estes aspectos ao longo do tempo. Dessa forma, podemos compreender que o texto literário materializa as contradições culturais de uma sociedade ao unir forma e conteúdo, dando conta dos significados e valores de sua época.

As questões discutidas até aqui são centrais para a análise do conto “Aconteceu em Saua-Saua”, de Lília Momplé. Através da narrativa acompanhamos a saga angustiante de Mussa Racua, um pobre camponês que se encontra sob o jugo da Administração portuguesa em Moçambique. O personagem vive o dilema de (sobre)viver em um contexto de opressão, enquanto busca formas de subverter sua realidade. Tais contradições nos permitem uma análise do conto à luz dos estudos pós-coloniais, tendo como enfoque principal o conceito de entre-lugar, de Bhabha (1998), para pensar sobre os lugares de confronto cultural e contradições do sistema colonial português em Moçambique que o conto suscita.

O texto literário em questão pode ser visto, aparentemente, como apenas mais uma narrativa sobre as experiências de opressão entre colonizados e colonizadores, em que os primeiros somente aceitam seus destinos, passivamente, por não verem outra saída. Isso porque, diante de um contexto de opressão como o colonial, haveria espaço para a resistência? Partindo da noção de Hall (2003) e Bhabha (1998), para os quais o pós-colonial inscreve e reinterpreta o passado de maneira crítica e não apenas celebratória, defendemos que “Aconteceu em Saua-Saua” não apenas reproduz práticas culturais hegemônicas, mas também denota, mesmo que tímidas, formas de subversão.

Tal contradição pode ser pensada a partir do título, que impulsiona questionamentos acerca das dinâmicas de opressão e resistência no contexto colonial português em Moçambique. O que realmente aconteceu em Saua-Saua? O que foi recalçado neste lugar? Que vozes e experiências foram/são silenciadas? Saua-Saua, como

lugar específico de Moçambique, aparece associado ao verbo "aconteceu", no pretérito perfeito do indicativo, denotando algo finalizado, talvez decisivo. Mas decisivo para quem? Ou Para quê? Para a reprodução da opressão ou para a produção de resistência? O conto, em seu enredo, aponta para ambas as possibilidades, o que buscamos delinear no tópico que segue.

A TRILHA DE MUSSA RACUA POR “ENTRE-LUGARES” DE OPRESSÃO E RESISTÊNCIA

É possível notar a contradição entre opressão e manifestações de resistência já nas primeiras linhas de “Aconteceu em Saua-Saua”, nas quais Mussa Racua recorre à solidariedade de amigos para tentar conseguir completar os sacos de arroz exigidos pela Administração portuguesa em Moçambique e assim, evitar ser mandado à plantação. A partir do fragmento abaixo, podemos construir a imagem de Mussa como alguém que ao mesmo tempo em que está desesperado diante do contexto em que vive, também busca sutis ações de resistência:

Caminha com passos firmes, de cabeça erguida, o belo corpo esguio bem direito. A ansiedade e a dorida revolta que o queimam, sabe ele escondê-las dentro de si. Só os olhos, demasiado serenos, demasiado fixos, denotam a conformada lassidão do jogador que tudo perdeu (Momplé, 2022, p. 24).

Embora em uma realidade adversa, Mussa busca externar, fisicamente e psicologicamente ser alguém confiante e seguro, o que pode ser enfatizado a partir dos termos “passos firmes”, “cabeça erguida” e “corpo esguio e direito”. Os substantivos destacados anteriormente (passos, cabeça e corpo) pertencem ao mesmo campo semântico, o do corpo. Um corpo que gera trabalho e lucro é apenas o que a Administração portuguesa enxerga em Mussa. No entanto, é também através do corpo objetificado pelo sistema colonial que o personagem tenta manifestar ações de resistência, mesmo que de maneira simbólica.

Além disso, o personagem ainda tenta disfarçar sua revolta por meio de uma “serenidade no olhar”. Entretanto, são os olhos que também anunciam sua angústia e cansaço. A forçada demonstração de confiança e serenidade de Mussa se configura na forma que ele encontrou para, minimamente, se defender do sistema colonial e evitar algum tipo de represália. A resistência direta, na maioria das vezes, é impossível, ficando

a sobrevivência do sujeito colonizado condicionada à sua capacidade de camuflar seus sentimentos de insatisfação.

Ao contrário de Mussa, seu amigo Abudo mostra-se resignado, denotando um sentimento de luta perdida diante do fato de que terá que ir para a plantação. O amigo do personagem central não enxerga saídas para fugir de tal situação pois já internalizou que “o colono é que manda. O que havemos de fazer? O colono é que manda” (Momplé, 2022, p. 28). Temos, no conto, duas visões de como lidar com o sistema opressivo português. Enquanto o protagonista tenta, de alguma maneira, encontrar alternativas para evitar a imposição colonial, Abudo mostra-se derrotado, aceitando passivamente as condições em que se encontra.

A expressão “O colono é que manda”, repetida duas vezes no trecho citado, por Abudo, demonstra a visão de imobilidade e falta de perspectiva do personagem, que não enxerga possibilidade de questionamentos ou subversão ao sistema que o oprime. Além disso, o reforço da palavra “colono” pode ser visto como uma estratégia para enfatizar a presença, mesmo que simbólica, das noções de superioridade e inferioridade no contexto do personagem. O colono, de alguma maneira está a todo momento sendo lembrado por Abudo, pois aquele já “estabeleceu e legitimou, no decorrer dos séculos, seus pretensos padrões de superioridade” (Leal; Alves, 2023, p. 1).

Revoltado pelo amigo não buscar refletir e transformar sua realidade, Mussa o tenta fazer criticar as contradições do sistema colonial

- Mas tu já viste, irmão, que vida é a nossa? - interrompe Mussa Racua - vem essa gente da Administração e marca-te um terreno. Dão-te sementes que não pediste e dizem: tens que tirar daqui três sacos ou seis ou sete, conforme lhes dá na cabeça. E se por qualquer razão adoecemos ou não cai chuva, ou a semente é ruim, e não conseguimos entregar o arroz que eles querem, lá vamos nós parar às plantações. E os donos das plantações ficam contentes porque conseguem uma data de homens para trabalhar de graça. E a gente da Administração fica contente porque recebe dos donos das plantações um tanto por cabeça que entrega. E nós é que vamos rebentando de medo e de trabalho todos os anos. E mal podemos cuidar das nossas machambas que nem dão para comer (Momplé, 2022, p. 27-28).

O protagonista busca incitar o amigo (e pensamos que também os leitores) a refletir sobre a realidade em que estão inseridos, as relações de opressão que lhes são impostas, as injustiças e degradantes condições de trabalho “escravo” (tendo em vista que não há pagamento e nem condições dignas de subsistência) que são obrigados a exercer. De acordo com Memmi (2007), o retrato que o colonizador construiu do colonizado é de que este é um ser preguiçoso e ocioso e a partir desse retrato, o “colonizador sugere que

o emprego do colonizado é pouco rentável” (Memmi, 2007, p. 117). Através de práticas como “marcar terrenos” e “dar sementes que não foram pedidas” notamos a exploração que a Administração exerce sobre os moradores de Saua-Saua.

O trecho (do conto) supracitado é formado por sete períodos. Destes, cinco têm início com a conjunção “e”. Levando em consideração o contexto em que o protagonista está inserido, podemos inferir que a repetição de tal conectivo pode ter sido uma estratégia para reforçar a ideia de que Mussa encontra-se em um ciclo vicioso e uma situação leva à outra ininterruptamente. Cada “e” pode servir para enfatizar o desabafo do personagem, assim como para consolidar a ideia de que ele relata uma sequência de acontecimentos de forma apressada e angustiada. A partir disso, podemos observar que o externo (questões sociais) se torna interno na construção do conto, materializando-se na linguagem e corroborando o defendido por Candido (2000).

A contradição do sistema colonial é ainda mais explícita quando o protagonista destaca que mesmo que fiquem doentes, não venha chuva ou as sementes não sejam boas, os camponeses serão responsabilizados por não conseguirem o arroz solicitado pela Administração. As situações que não estão sob controle deles não são consideradas pelo sistema colonial que, ao contrário, usa de tais contextos incontroláveis para justificar os castigos dados a quem não cumpre as metas estabelecidas, como ser mandado à plantação, criando uma espécie de labirinto em que os camponeses dificilmente conseguem encontrar a saída. Os donos das plantações e a Administração são os únicos beneficiados por “cada cabeça” entregue para trabalhar em condições degradantes. A expressão “por cada cabeça”, comumente usada para se referir a animais, como gado, demonstra a desumanização e consciência desta por Mussa.

Ademais, outra crítica levantada pelo personagem no fragmento acima é que, apesar de tanto trabalharem no cultivo de arroz, esse trabalho árduo não tem retorno algum para si pois, “nem dão para comer”. Isso revela outra a contradição, posto que o trabalho com o cultivo de alimentos deveria garantir, ao menos, alimentação aos camponeses, mas, diante do contexto colonial, não há essa garantia. Em outras palavras, os colonizados mantêm a subsistência dos colonizadores em detrimento de sua própria subsistência.

A partir do que até aqui discutimos, podemos notar que as decisões do protagonista não são, de fato, autônomas, e sim moldadas pelo contexto sócio-histórico e econômico em que ele está inserido. Nesse sentido, é válido ressaltar o foco narrativo empregado no conto: temos um narrador heterodiegético onisciente e a combinação de discursos diretos

e discursos indiretos livres. A partir disso, defendemos a ideia de que o conto não é narrado por Mussa Racua por duas razões. Primeiramente, ao nos apropriarmos das colocações de Candido (2000) para analisar a relação entre texto e contexto e concordando com o defendido por Costa (2016), compreendemos que, no ensejo do conto, Mussa Racua não é o verdadeiro dono de sua história. Sua vida é circunstanciada pela Administração portuguesa, que controla o personagem ao determinar a quantidade de arroz que deve entregar e, caso contrário, o castigo que irá receber por fracassar. A vida de Mussa deve ser resumida a tais imposições.

Mas, ao mesmo tempo, procurando manter a ideia de tensão, destacamos em segundo plano que, a estratégia de colocar um narrador heterodiegético onisciente pode ter sido usada para passar a ideia de que ao ficar de fora da história, não sendo personagem, o narrador consegue enxergar e externar aos leitores as angústias de Mussa Racua, as dinâmicas e contrariedades do sistema em que ele estava inserido. Dessa forma, o foco narrativo do conto, não apenas possibilita uma crítica social, mas pode também provocar uma reflexão profunda sobre as experiências opressivas dos colonizados, na tentativa de humanizá-los, apesar de estarem inseridos em uma realidade que faz o contrário.

Através da estrutura da narrativa em análise, Momplé (2022) convida os leitores a refletirem sobre a importância de ouvir as vozes por muito tempo marginalizadas, reconhecendo a complexidade das suas histórias e a profundidade dos seus traumas, o que corrobora a ideia de Hall (2003) de que as experiências de colonização não são homogêneas. Isto é, a crítica pós-colonial deve considerar suas contradições em contextos específicos.

Expandindo as discussões até aqui levantadas, trazemos à baila as reflexões do crítico indiano Homi Bhabha (1998) que trata da condição do estranho como algo que reflete as contradições da história colonial. Segundo o autor,

[...] é precisamente nessas banalidades que o estranho se movimenta, quando a violência de uma sociedade racializada se volta de modo mais resistente para os detalhes da vida: onde você pode ou não se sentar, como você pode ou não viver, o que você pode ou não aprender, quem você pode ou não amar. Entre o ato banal de liberdade e sua negação histórica surge o silêncio (Bhabha, 1998, p. 37).

A experiência de Mussa Racua em Saua-Saua pode ser lida na chave da condição de estranho problematizada por Bhabha. Como um homem negro e submisso ao sistema colonial, sua vida é marcada pela violência cotidiana do controle e da desumanização.

Mussa não é apenas um indivíduo que sofre uma opressão explícita, mas alguém que enfrenta constantemente um silenciamento histórico.

No conto, a experiência de Mussa pode ser vista como uma expressão de estranheza. Ele é uma figura estranha dentro do próprio espaço que ocupa, um ser cujos direitos são anulados pelo sistema colonial. Sua presença na sociedade é sempre mediada por uma violência banalizada, que não se dá apenas nas grandes ações de opressão, mas nas mínimas relações sociais que permeiam o cotidiano do personagem.

Mussa Racua ocupa, portanto, um espaço de ambiguidade, que associamos ao conceito de “entre-lugar”. Ele não é nem completamente submisso à cultura dominante, nem completamente rebelde. Sua luta contra a Administração portuguesa está marcada por contradições, por uma resistência que não consegue se consumir plenamente. O personagem está preso entre dois mundos, tentando encontrar uma saída para sua situação, mas sempre sendo puxado de volta para o sistema colonial que o limita. Essa tensão, como sugere Bhabha (1998), está nos interstícios, ou seja, nos espaços de transição e conflito nos quais as diferenças culturais se encontram e se chocam.

Ademais, segundo Bhabha (1998, p. 32), “o momento do estranho relaciona as ambivalências traumáticas de uma história pessoal, psíquica, às disjunções mais amplas da existência política”. A experiência de Mussa pode nos impulsionar a refletir sobre outras vivências comumente apagadas pela história oficial. Dessa forma, por mais que seja específica, a narrativa do protagonista também denota uma ideia de coletividade.

Diante dos paradigmas que o assombram, Mussa Racua toma uma atitude drástica, tirar a própria vida: “É quase sem surpresa que, ao dobrar um carreiro, dá com o corpo de Mussa Racua suspenso de uma mangueira, balouçando docemente ao sabor da brisa matinal. Tombado no chão, um saco cheio de arroz” (Momplé, 2022, p. 34). A ação do personagem pode ser vista como um ato covarde, no entanto, contrariando essa perspectiva, Laice (2024) nos impulsiona a pensar a atitude do protagonista também como uma forma de resistência pois, por mais que trágica, essa ação pode ser vista como um momento em que Mussa tomou uma decisão e buscou subverter o sistema em que estava inserido, negando-se a colaborar com ele.

A descrição da cena de como estava o corpo do personagem, “balouçando docemente”, é ao mesmo tempo angustiante e paradoxal. Nesse momento, o protagonista consegue ter paz e serenidade em contraste com a brutalidade do sistema colonial. Outro aspecto simbólico que podemos notar a partir do trecho destacado, é de que Mussa usou um saco de arroz para sua última ação de resistência, o que revela mais uma vez a ideia

de contradição. O arroz é uma metáfora tanto de subsistência, pois por meio dele o personagem sobreviveria naquele sistema, como de sua degradação. A revolta do protagonista, não é o que tradicionalmente esperamos encontrar em narrativas sobre a colonização, mas ainda assim serve para denunciar as contradições da Administração colonial portuguesa em Moçambique.

A atitude de Mussa Racua, entretanto, é reduzida pelo administrador como uma chatice. Fugir e suicidar-se é uma prática que desrespeita a cultura dominante, que está cada vez mais atenta às práticas subversivas dos colonizados, visando não perder sua hegemonia: “- Estes cães, assim que lhes cheira a trabalho, arranjam sempre chatices. Ou fogem ou suicidam-se. Maldita raça!” (Momplé, 2022, p. 36). A negação da humanidade de Mussa Racua reforça sua posição de alguém que serve apenas como moeda de lucro.

Nas palavras de Memmi (2007, 121) “Pouco importa ao colonizador o que o colonizado verdadeiramente é. Longe de querer apreender o colonizado em sua realidade, ele se preocupa em fazê-lo sofrer essa indispensável transformação”. Nesse contexto, é válido ressaltar a forma como o administrador se refere a Mussa, aquele não usa o termo homem ou o nome do protagonista, mas adjetivos em tom pejorativo, como “cães” e “maldito”, construindo a identidade do personagem de maneira negativa. Mussa não é reconhecido como um ser humano que tem sonhos e sentimentos, seus sofrimentos e manifestações de resistência são desconsiderados, pois “Os dramas dos negros não lhe interessam, ou melhor irritam-no!” (Momplé, 2022, p. 34).

No conto, outro ser humano chegou ao ponto de tirar a própria vida. No entanto, a face da história valorizada pelo administrador é apenas a de quantos sacos de arroz Mussa havia conseguido:

Quantos sacos disseste que ele conseguiu? [...] - Seis sacos, senhor administrador - responde o Língua. Tratem de os ir buscar o quanto antes. A semente era da administração e, portanto, temos direito ao arroz. E façam como é costume nestes casos. Avisa os sipaios (Momplé, 2022, p. 35).

Temos, na narrativa analisada, uma oposição entre a “dialética do sujeito (agente) e a do objeto (*o outro*, subalterno)” (Bonnici, 2005b, p. 230, grifos do autor). Mussa Racua é o “outro”, dominada pelo “Outro”, representado pela Administração portuguesa que explora o personagem e constrói a imagem dele como um ser animalizado. A vida de mais um negro não importava, e sim o lucro que ele poderia gerar. Tal conclusão faz jus ao título que atribuímos ao presente artigo, Mussa Racua existe apenas enquanto número de ganhos materiais para a Administração, do contrário, é visto somente como mais uma

mera engrenagem da máquina colonial, como destaca Salgado (2018), que pode facilmente ser descartada.

A partir do que até aqui discutimos, podemos notar que o protagonista de “Aconteceu em Saua-Saua”, como muitos sujeitos colonizados, é despojado de sua autonomia e transformado em um objeto de exploração. No entanto, ao longo da narrativa, ele também demonstra sutis sinais de resistência, revelando as contradições e as limitações do sistema colonial português em Moçambique. A morte do protagonista, mesmo que trágica, pode ser lida como uma forma de resistência, pois ele recusa o destino imposto pela opressão e busca, de maneira extrema, reconfigurar sua relação com o poder colonial. Ademais, a leitura aqui desenvolvida vai ainda ao encontro do que argumentam Hall (2003) e Bhabha (1998) sobre enxergar o pós-colonial como uma crítica do “ir além” das repetições do passado, reatualizando-o com base em problemáticas que já podem ser percebidas na contemporaneidade, na busca por mudanças no presente.

RECAPITULANDO A TRILHA: CONSIDERAÇÕES

Objetivamos, no decorrer do presente artigo, analisar as nuances contraditórias entre opressão e resistência no conto “Aconteceu em Saua-Saua” (2022), da escritora moçambicana Lília Momplé, à luz da crítica pós-colonial, focando principalmente no conceito de “entre-lugar”, discutido pelo crítico indiano Homi Bhabha. Para tanto, levamos em consideração as problematizações acerca de questões coloniais e culturais que a narrativa em questão possibilita.

Com a análise, compreendemos que, ao ficcionalizar experiências sobre a colonização portuguesa em Moçambique, Momplé (2022) segue uma rota diferente das perpetuadas pelas narrativas hegemônicas. Em “Aconteceu em Saua-Saua”, a autora coloca em cena não apenas a leitura de Mussa Racua, o protagonista, como um sujeito passivo diante do sistema que o oprime, mas destaca as complexidades da relação entre o personagem principal e a Administração portuguesa.

Mussa é inscrito habitando entre labirintos e “entre-lugares” de opressão e resistência. E, por mais que suas manifestações contra a colonização se mostrem sutis – como a busca por saídas com a ajuda de amigos; as reflexões sobre as contradições da Administração portuguesa; as tentativas de exteriorizar, mesmo que fisicamente, uma ideia de segurança e dignidade e, a própria morte trágica (histórica e física) – essas ações

possibilitam a problematização das contradições e limitações existentes no contexto colonial português em Moçambique.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi Kharshedji. *O Local da Cultura*. Tradução: Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá, PR: EDUEM, 2005a.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá, PR: EDUEM, 2005b, p. 223-239.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COSTA, Silvaneide da Silva. *Estórias que ilustram a História: as narrativas ficcionais de Lília Momplé*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- HALL, Stuart. Quando foi o Pós-Colonial? Pensando no limite. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 101-128.
- LAICE, Nilza Gomes de Oliveira. “Aconteceu em Saua-Saua”: o imigrante nacional na obra de Lília Momplé. *Signótica*, Goiânia, v. 36, p. e77184, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/77184>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- LEAL, Luciana Brandão; ALVES, Roberta Maria Ferreira. A Literatura Moçambicana. *literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. 2023. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/literafrias/literatura-cabo-verdiana-2/1640-a-literatura-mocambicana-luciana-brandao-leali-roberta-maria-ferreira-alves>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Digitalização e Arranjo de Agostinho Costa. Lisboa: Publicações D. Quixote, [1972].
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.
- MOMPLÉ, Lília. Aconteceu em Saua-Saua. In: MOMPLÉ, Lília. *Ninguém matou Suhura*. São Paulo: Editora Funilaria, 2022, p. 24-36.
- SALGADO, Maria Teresa. A banalidade do mal na obra de Lília Momplé. *Literartes*, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 159–168, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/150307>. Acesso em: 11 dez. 2024.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: um percurso de cantos e desencantos. *Vernaculum*. Petrópolis, v. 3, n. 3, p. 1-13, 2011. Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/vernaculum/article/view/1229>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Recebido em: 28/02/2025

Aceito em: 30/04/2025

Tayane Fernandes dos Santos: mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (PPGL/UESPI). Graduada em Letras – Português pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Bolsista/CAPES.